

Redação, Administração e Tipografia  
CALÇADA DO COMBRO, 38-A, 2.º andar  
LISBOA—PORTUGAL  
TELEFONE 539 TRINDADE  
Oficinas de Imprensa e Esteriotipia  
RUA DA ATALAIA, 114 e 116  
Este jornal não se publica às segundas-feiras — Não se devolvem os originais — Dos artigos publicados são responsáveis os seus autores.

PREÇO 30 CENTAVOS — ANO VIII — N.º 2479

# A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ

PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

Diretor interino: ALBERTO DIAS  
Editor: CARLOS MARIA COELHO  
Propriedade da CONFEDERAÇÃO GERAL DO TRABALHO  
Aderente à Associação Internacional dos Trabalhadores  
Assinaturas: Incluindo o suplemento semanal, Lisboa, mês 9550; Província, 3 meses 25\$50; África Portuguesa, 6 meses 66\$00; Estrangeiro, 6 meses 102\$00  
PAGAMENTO ADIANTADO

SEXTO-FEIRA, 31 DE DEZEMBRO DE 1925

## A crise de trabalho e a carestia da vida

O número dos desocupados continua aumentando. Coincidindo com o recrudescimento da crise de trabalho, o aumento dos gêneros de primeira necessidade vai-se acentuando mais.

Dois males, qual deles o mais grave e o mais ameaçador! E perante estes dois importantíssimos problemas os que deviam intervir, os que deviam tomar as medidas que eles requerem, cruzaram os braços, encorberam os ombros e nada fizeram. A indiferença oficial é um facto incontestado e é um facto sintomático.

Que importa que dezenas de milhares de operários se encontrem sem recursos, que não tenham onde ocupar a sua actividade e estejam, por isso, impedidos de prover ao seu sustento e ao de suas famílias? Nada. Se isso ao menos abalasse os privilégios da minoria dos exploradores, se isso ameaçasse as bases em que se apoia esta sociedade infusa... Mas não abala, nem ao de leve. Os burgueses continuam usufruindo os lucros das suas explorações e cobrando plácidamente os pingues dividendos de accionistas dessas companhias e empresas comerciais, industriais e financeiras, autênticas empresas de exploração pública.

De modo que a crise de trabalho é como se não existisse; os desocupados ficam colocados à margem da sociedade, tratados como cães leprosos, indignos de qualquer consideração, indignos mesmo de viver.

\*\*\*

O aumento do custo da vida é, principalmente, uma manobra dos assambadores. E uma manobra absolutamente triunfante.

O assambador tomou o pulso às medidas que se anunciam contra elas. Para isso ensaiaram timidamente alguns ligeiros aumentos de preço de certos gêneros. O ensaio deu o mais lisonjeiro dos resultados.

Vendo-se, então, só em campo, sem o menor embaraço, sem o menor entrave regressaram aos hábitos comerciais da guerra e do após a guerra. Os gêneros pularam de preço com uma velocidade fantástica. E hoje ainda não se deteve esse progressivo encarecimento da vida.

O assambador continua na disposição de abusar da paciência e até, triste é confessá-lo, da passividade dos consumidores.

\*\*\*

Está suficientemente demonstrado que o consumidor se encontra em grande, sem defesa, à cobiça insofrida dos assambadores.

Está também suficientemente demonstrado que os sem trabalho estão condenados a sofrer os horrores da miséria e as torturas da fome.

Está ainda suficientemente demonstrado que a crise de trabalho tende a agravar-se mais e que a carestia da vida vai ainda tornar-se mais excessiva.

Que esperam as vítimas da crise de trabalho e do agravamento do custo da vida?

Estarão dispostas a sofrer todas as inclemências? Estarão dispostas a maiores sacrifícios para vantagem, fortuna e glória dos seus exploradores?

NO CONVENTO DAS TRINAS

O encarregado Durão defende-se, acusando algumas das bossas informadoras

A propósito do nosso artigo sobre o procedimento do encarregado do Convento das Trinhas procuraram-nos contém os srs. José Trindade Durão e José Maria da Silva, o primeiro visado pelo referido artigo e o segundo ex-marido de uma das senhoras que se alude no nosso escrito.

Por estes cavalheiros foi-nos solicitada rectificação à notícia que demos, por ela, segundo os imputantes, não corresponder à verdade.

Primeiro.—Não é exacto que o sr. Durão fosse nomeado pelo actual ministro das Finanças encarregado do Convento. A nomeação provisória daquele cargo foi feita pela comissão angariadora de donativos para as vítimas de Chelas, nomeação confirmada oficialmente em Março do corrente ano pelo então ministro das Finanças.

Segundo.—Não é exacto o que nos disse D. Maria Pamplona Corte Real sobre o cargo do encarregado Durão, sabendo que aquela senhora nunca está

A crise do capitalismo

LONDRES, 30.—A constituição das super-estações geradoras de electricidade deve empregar para cima de 75.000 operários. (L.)

Navio que se salva

NOVA YORK, 30.—O paquete Francisco, que havia encalhado em São Juan do Porto Rico, foi posto a nado. (L.)

## TEMAS IRREVERENTES

## EPISTOLA DA SEGUNDA DOMINGA

Não! Vós não podeis nem sabeis explicar esse desastre que está fora do âmbito da credulidade católica apostólica. Um tal facto, colocado em frente da vossa inteligência, tem o aspecto dum obra diabólica.

E não é. Conservai, por um momento, o vosso olho vigilante, e inclinai para mim, outro momento, o vosso ouvido e eu vos informarei da verdade terrível.

Ensinan-as divinas escrituras, ao nosso espírito impostas pela igreja infalível, e nas quais, por isso, devemos crer sem o mais leve reparo, que a verdadeira virtude provém da verdadeira fé. Mas, dizem os mesmos textos, para que qualquer das resplandecia na fronte dos mortais é necessário que estes tenham corações limpos, saibam amar e perdoar, sofrendo, sem gemer, todos os desvarios dos mortais e todas as fatalidades do destino.

Ensina-nos ainda que a jactância é perverso e o orgulho iniquidade. Que perante a ruindade das paixões e os agravos do mundo, o bom, o verdadeiro, o legítimo crente deve não só esquecer a injúria recebida, mas ainda pedir Deus, nas suas orações quotidianas, a salvação daqueles que, como velhas tressmalhas, andam perdidos na floresta negra da impiedade.

O que vós não fazéis, ô insensatos, ô mal orientados crentes, que, em logar de perdoares e esquecerdes e rezardes, pedindo a Deus a conversão dos inimigos, andais mas é cavando mais fundo ainda o seu abismo, com os vossos protestos cheios de ódio e as vossas fôlhas soltas a trabocar de fel e de calúnia. E essa loucura vê-se mesmo nas vossas catequeses e sermões, onde há de tudo, menos amor do próximo, menos caridade cristã.

Nos vossos manifestos, largamente distribuídos aos crentes, na ocasião da missa, a linguagem é de tal sorte, cheira tanto a rancor e a maus instintos, que muita gente honesta os tem julgado escritos por almejados depravados. Por que tal linguagem não é, não pode ser a própria de quem reza. Quando muito será própria de quem morde, um arreiro praguejando contra um macho que lhe embocasse a carga, não se desbocaria tanto como quando falas daqueles que não tiveram nunca o dom de ser perfeitos e a quem o senhor negou, não sei porquê, a escola da sua divina graça.

Aqui mesmo onde estou, mais é bem longe, chegam todos os dialetos obscenos, expressões infamíssimas, trazendo todos o carimbo da igreja e o sinete de Deus, de-certo por vós falsificado.

"Infames! Bandalhos! Fuliculários! Canhila da pior espécie..."

Ora eu pregunto: ¿onde fôtes debo

tais expressões? ¿onde colhestes exemplos para tamanha perversão? Quando é que o Senhor vos deu licença para aborrecer assim o semelhante? ¿onde é que achastes precedentes de um tão profundo ódio à espécie humana, para desta maneira vos dirigires, não à lera do mato, não ao tigre dos castigos? aqui d'el-rei que há tremores de terra e fomes e dôres intestinais e reumáticos! Haveis de perdoar, mas isso sim que é indigo; a isso é que nós devemos chamar tópore.

Que o fizesse um hereje, sem noção alguma do que seja a divina clemência, vá; justificava-se, embora nos custasse a tolerar. Mas vós, que tendes a religião como uma coisa séria e Deus como um ser realmente existente, com quem, depois, haver de ajustar contas!

Parece que ignorais a grandeza da vossa missão sobre este vale de lágrimas. Quanto à vossa responsabilidade perante Deus, dessa já eu não falo, embora seja imensa. Apenas vos lembrai que um bom devoto não pode dizer nunca, seja para quem for:

— És um monstro! porque seria tentar a

Deus Nosso Senhor, pai de todas as coisas.

E, não obstante, vós tendes lançado esse epíteto à cara de muita gente: aos dissidentes, ainda os menos liberais; aos republicanos, mesmo os de tolerância e fé notória; aos socialistas, embora muitos berrem por ter, fome e aos livres-pensadores, a pesar de alguns deles serem só nas conferências e nos comícios públicos. De alguns sei eu que vós tendes pretendido atingir com alusões infames, chamando-lhes, a propósito de tudo, miseráveis, famigerados, sanguidários, assassinos, criaturas sem Deus.

Criaturas sem Deus! Então vós também cais em semelhante despatério? Então vós também acreditais que pode haver coisas ou lugares onde Deus não esteja? Que desculpa na escolha das palavras! que precipitação nos juízos! que falta de escrúpulo na apreciação dos factos!

Bem se vê que não andais na graça do

Senhor. E eu sei que não andais, por muita soma de razões. Uma delas é o escândalo público que estais dando com a vossa conduta, verdadeiramente diabólica. Se não dei-me: para que pretendes vós ser aquilo que não sois? Para que pretendes ter nas vossas veias sangue azul, se Deus Nosso Senhor a todos deu um sangue igual, injetado por Ele, nas artérias de Adão, que o transmitem a todos nós, sem exceção de um único? Para que vos mostrais tão orgulhosos, se a vossa vida é, como a da maior parte dos homens, chata, vulgar, sem episódios nem grandezas?

De muitos sei eu que, tendo feito comércio com o público, honestamente, quererão vender-lhe batatas e petróleo, indo às feiras, carregados de banhas e presuntos, se arrogam hoje o título de condes e barões, não dando a mão a um pobre, para que Este lhe não suje a brancura nevada da sua luva. Entre vós—seio—eu e o público não o ignora—há cavalheiros que se afirmam descendentes de reis godos, falando em pergaminhos e em Nun'Alvares, e todavia não passam de salicheiros apontados.

Outros, mais modestos e mais práticos,

intermeiam as rezas fazendo o reclame ao seu negócio, não falando senão nas suas frascas, nos seus armazéns, nos seus depósitos... Como se houvesse algum armazém ou alguma frascaria além da do Senhor, lá no reino da glória. Mas quantos, quantos há entre vós que, ao despírem a noite as suas galas e as suas comendas, no regresso dos bailes ou das récitas, se revêem, vexados, nas cicatrizas e verrugas que fizeram e conservam ainda, a vender pelas portas azeite e salpicões, recolhendo, na volta, dôres de vinho e samarras de bode?

Ora, perante Deus, um tal disfarce é uma coisa abominável. Pior do que o pecado da luxúria e tão reparado lá no céu como a ronha do usuário! Proceder desse modo é desprezar os mandamentos de Deus. E' irriter o céu. Depois— aqui d'el-rei que vem castigos! aqui d'el-rei que há tremores de terra e fomes e dôres intestinais e reumáticos! Haveis de perdoar, mas isso sim que é indigo; a isso é que nós devemos chamar tópore.

Que o fizesse um hereje, sem noção alguma do que seja a divina clemência, vá;

justificava-se, embora nos custasse a tolerar.

Mas vós, que tendes a religião como uma coisa séria e Deus como um ser realmente existente, com quem, depois, haver de ajustar contas!

Parece que ignorais a grandeza da vossa

missão sobre este vale de lágrimas. Quanto à vossa responsabilidade perante Deus, dessa já eu não falo, embora seja imensa. Apenas vos lembrai que um bom devoto

não pode dizer nunca, seja para quem for:

— És um monstro! porque seria tentar a

Deus Nosso Senhor, pai de todas as coisas.

E, não obstante, vós também cais em semelhante despatério? Então vós também

acreditais que pode haver coisas ou lugares onde Deus não esteja? Que desculpa na escolha das palavras! que precipitação nos juízos! que falta de escrúpulo na apreciação dos factos!

Bem se vê que não andais na graça do

Senhor. E eu sei que não andais, por muita soma de razões. Uma delas é o escândalo

publico que estais dando com a vossa conduta, verdadeiramente diabólica. Se não dei-me: para que pretendes vós ser aquilo que não sois? Para que pretendes ter nas vossas veias sangue azul, se Deus Nosso Senhor a todos deu um sangue igual, injetado por Ele, nas artérias de Adão, que o transmitem a todos nós, sem exceção de um único?

Para que vos mostrais tão orgulhosos, se a vossa vida é, como a da maior parte dos homens, chata, vulgar, sem episódios nem grandezas?

De muitos sei eu que, tendo feito comércio com o público, honestamente, quererão

vender-lhe batatas e petróleo, indo às feiras, carregados de banhas e presuntos, se arrogam hoje o título de condes e barões, não dando a mão a um pobre, para que Este lhe não suje a brancura nevada da sua luva. Entre vós—seio—eu e o público não o ignora—há cavalheiros que se afirmam descendentes de reis godos, falando em pergaminhos e em Nun'Alvares, e todavia não passam de salicheiros apontados.

Outros, mais modestos e mais práticos,

intermeiam as rezas fazendo o reclame ao

seu negócio, não falando senão nas suas

frascas, nos seus armazéns, nos seus depósitos... Como se houvesse algum armazém ou alguma frascaria além da do Senhor, lá no reino da glória. Mas quantos, quantos há entre vós que, ao despírem a noite as suas galas e as suas comendas, no regresso dos bailes ou das récitas, se revêem, vexados, nas cicatrizas e verrugas que fizeram e conservam ainda, a vender pelas portas azeite e salpicões, recolhendo, na volta, dôres de vinho e samarras de bode?

Ora, perante Deus, um tal disfarce é uma coisa abominável. Pior do que o pecado da luxúria e tão reparado lá no céu como a ronha do usuário! Proceder desse modo é desprezar os mandamentos de Deus. E' irriter o céu. Depois— aqui d'el-rei que vem castigos! aqui d'el-rei que há tremores de terra e fomes e dôres intestinais e reumáticos! Haveis de perdoar, mas isso sim que é indigo; a isso é que nós devemos chamar tópore.

Que o fizesse um hereje, sem noção alguma do que seja a divina clemência, vá;

justificava-se, embora nos custasse a tolerar.

Mas vós, que tendes a religião como uma coisa séria e Deus como um ser realmente existente, com quem, depois, haver de ajustar contas!

Parece que ignorais a grandeza da vossa

missão sobre este vale de lágrimas. Quanto à vossa responsabilidade perante Deus, dessa já eu não falo, embora seja imensa. Apenas vos lembrai que um bom devoto

não pode dizer nunca, seja para quem for:

— És um monstro! porque seria tentar a

Deus Nosso Senhor, pai de todas as coisas.

E, não obstante, vós também cais em semelhante despatério? Então vós também

acreditais que pode haver coisas ou lugares onde Deus não esteja? Que desculpa na escolha das palavras! que precipitação nos juízos! que falta de escrúpulo na apreciação dos factos!

Bem se vê que não andais na graça do

Senhor. E eu sei que não andais, por muita soma de razões. Uma delas é o escândalo

publico que estais dando com a vossa conduta, verdadeiramente diabólica. Se não dei-me: para que pretendes vós ser aquilo que não sois? Para que pretendes ter nas vossas veias sangue azul, se Deus Nosso Senhor a todos deu um sangue igual, injetado por Ele, nas artérias de Adão, que o transmitem a todos nós, sem exceção de um único?

Para que vos mostrais tão orgulhosos, se a vossa vida é, como a da maior parte dos homens, chata, vulgar, sem episódios nem grandezas?

De muitos sei eu que, tendo feito comércio com o público, honestamente, quererão

vender-lhe batatas e petróleo, indo às feiras, carregados de banhas e presuntos, se arrogam hoje o título de condes e barões, não dando a mão a um pobre, para que Este lhe não suje a brancura nevada da sua luva. Entre vós—seio—eu e o público não o ignora—há cavalheiros que se afirmam descendentes de reis godos, falando em pergaminhos e em Nun'Alvares, e todavia não passam de salicheiros apontados.

Outros, mais modestos e mais práticos,

intermeiam as rezas fazendo o reclame ao

seu negócio, não falando senão nas suas

frascas, nos seus armazéns, nos seus depósitos... Como se houvesse algum armazém ou alguma frascaria além da do Senhor, lá no reino da glória. Mas quantos, quantos há

## A DOENÇA DO SONO

## Uma missão científica a Moçambique

Sabemos que está decidida a ida de uma missão científica de estudos à província de Moçambique, missão que será constituída pelo professor da Escola de Medicina Tropical, sr. dr. Aires Kopke Correia Pinto, por um representante da Faculdade de Medicina de Lisboa, assistente do Instituto Bacteriológico Câmara Pestana, indicado pelo diretor deste Instituto e por pessoal daquela província.

Este assunto, que há bastante tempo se vinha arrastando, teve agora solução, pois Portugal e fez-se representar na Conferência Internacional sobre a doença do sono, que se realizou em Londres em 1925, tendo-se o seu representante nessa conferência referido a uma missão de estudos a Moçambique, que iria fazer incidir parte dos seus trabalhos nas regiões dos nossos territórios do Niassa, imediatamente ao sul do Rovuma.

Esta importante questão, está prestando a atenção das autoridades e repartições que nela têm tido interferência desde que se realizou a referida conferência internacional e que entendem que é a oportunidade de se organizar essa missão, por quanto na África Central já se encontra trabalhando uma missão internacional e em breve para lá seguirão mais duas missões, uma inglesa e outra americana.

## TEATRO AVENIDA

Tel. II. 4385

Hoje, às 21,30 horas

A representação da comédia

alema

## O PÉ DE SALSA

Adaptação dos escritores Bermudes, Bastos e A. Brum

## A revolução em Nicarágua

Censura norte-americana

LONDRES, 30.—Informa da Managua à Agência Reuter que as autoridades navais dos Estados Unidos estabeleceram a censura militar nas regiões de Puerto Cabezas, Rio Grande e El Gallo.—(H.).

## Os liberais tomam Fruta de Pau

MANAGUA, 30.—Os liberais, havendo conseguido passar o rio Iscandón, apoderaram-se de Fruta de Pau. Ficam assim senhores da área em que se encontram as grandes instalações da companhia americana de frutos.—(L.).

## Uma opinião categórica

BUENOS AIRES, 30.—Leon Inares, professor de direito internacional, declarou que a intervenção dos Estados Unidos, na Nicarágua, é uma injustificável acção militar gravíssima, pelos precedentes que establece.—(L.).

## A perseguição dos americanos

MANAGUA, 30.—600 homens das forças conservadoras, tendo retirado para Bifi, foram ali desarmados pelos marinheiros americanos.—(L.).

## TEATRO VARIEDADES

TODAS AS NOITES DUAS SESSÕES

às 20,30 e 22,30

COM A COMÉDIA PORTUGUESA

## O PINTO CALÇUDO

## Agremiações várias

Grupo de Solidariedade os 21 Manufactores de Calçado. — Convidam-se os seus componentes a virem pagar hoje à sede, pois amanhã, por motivo de feriado, não se encontrará o cobrador.

## MUSICA

9.º concerto Fão

E' um verdadeiro encanto o programa do 9.º concerto Fão, marcado para depois de amanhã, domingo, às 15 horas, no Ginásio. Nele será executado o concerto, em ré menor, (1692-1770) de Tartini, para violino com acompanhamento de orquestra, a três zadências, composição notabilíssima de Joseph Joachim, sendo o solo de violino do exímio professor Luis Barbosa. A Orquestra Sinfónica Portuguesa executará, também, a 7.ª Sinfonia (4 partes), de Beethoven, abrindo a audição "Euryanto", de Weber, um mimo de inspiração e preenchendo a 3.ª parte "Nas stepes da Ásia Central", de Bruckner; "Caixa de música", número que, a pedido, se repeete, e a "Rapsódia slava" do maestro David de Sousa. Como se vê, é verdadeiramente brilhante o 9.º concerto Fão, de domingo, no Ginásio, cujo teatro deve encher à cunha, como tem sucedido nas audições anteriores.

## Teatro da Trindade

HOJE — Às 21 horas em ponto — HOJE

A admirável cancionista

argentina

## Celia Gámez

A interessante peça em 4 actos

## Uma mulher sem importância

competência não passa de um videirismo profissional.

A-pesar-de tudo, estamos gratos ao senhor agente por não ter ido mais longe, completando uma injustiça flagrante que seria o gáucho dos que reciam perder com a crítica cesassombra de uma propaganda salutar.

Um dos sócios dos Sabujos Alviareiros e Trampolinos, conhecido pelo Cobra, afirmou que se encarregasse das investigações saberia: andar. Ele, porém, não anda rasteja...—C.

## CONFERÊNCIAS

## Curso de Fisiologia do Trabalho

A Universidade Popular Portuguesa iniciou ontem o seu curso de "Fisiologia do Trabalho". A primeira lição foi a conferência do sr. dr. João Camoes, sob o tema "O Trabalho e a Vida", que teve lugar na sede do Sindicato da Construção Civil. Dáremos uma síntese da interessante dissertação:

Chama-se biologia a ciência dos seres vivos. Abrange, portanto, este ramo do conhecimento o estudo da matéria viva, cuja propriedade fundamental é a irritabilidade, ou seja a faculdade de reagir por modificações internas, a todas as alterações do ambiente.

A Biologia se divide em duas grandes divisões fundamentais — a anatomia e a fisiologia. A primeira estuda a forma, as relações e a constituição dos órgãos e dos tecidos que compõem os seres vivos. A segunda trata das propriedades dos tecidos e das ações ou funções dos órgãos.

A fisiologia ensina-nos, pois, a conhecer os fenómenos vitais, cuja essência é constituída por uma transformação de energia que tem um aspecto construtivo, a formação de substâncias orgânicas à custa dos alimentos que se chama assimilação ou anabolismo e a decomposição destas, que se chama desassimilação ou catabolismo. O conjunto destas duas ordens de operações chama-se metabolismo e constitui, repito, a essência da vida.

Cada estado orgânico tem o seu tipo de metabolismo. Durante o repouso, por exemplo, continua dentro do organismo a marcha das duas ordens de operações que o constituem. Repousar não significa, por consequência, parar. Quando muito equilibra-se uma predominância das ações reparadoras — assimilação e claminação, sobre as desassimilações. Dubois-Reymond representou expressivamente este movimento constante nos seus vários aspectos por um vaso, onde, constantemente, entra e sai uma certa quantidade de água. O domínio, durante uma considerável duração de qualquer dos termos do metabolismo e de seu equilíbrio, traduz-se por crescimento, madurez ou desaparecimento. Num momento dado por repouso ou fadiga.

O trabalho humano, isto é, a ação útil do organismo também tem o seu metabolismo próprio. Durante o trabalho e a seguir a ele os órgãos apenas funcionam de uma forma característica. O estudo das maneiras de funcionar determinadas pelo trabalho chama-se fisiologia do trabalho que assim aparece como um capítulo da fisiologia.

Como é sabido, o ser humano constitui um todo orgânico ou seja um conjunto de órgãos disposto segundo um certo plano e mantendo íntimas correlações. O esqueleto, por exemplo, constitui o órgão de suporte e é formado por ossos que se ligam por meio de articulações de vários tipos. Os músculos, que são de duas espécies, asseguram a forma e o relêvo do corpo e tomam a sua carga o movimento. Os nervos e os centros nervosos reservam-se a coordenação das ações orgânicas, os vasos a circulação e as glândulas, as secreções e excreções indispensáveis. Emfim, cada elemento, incluindo o aparelho digestivo que se reserva a digestão dos alimentos do corpo humano, tem uma ação própria e encontra-se numa perfeita interdependência com os outros. Existe uma ação interna que tem por fim manter a eficiência de todos os agentes do agregado — o trabalho interno ou fisiológico.

A ação externa, o que se chama ordinariamente trabalho, é o efeito útil do organismo. Trabalho interno e externo estão entre si como energia desenvolvida e energia utilizada. De maneira que o trabalho é sempre a resultante de uma ação em que cooperam todos os elementos do corpo humano.

Mais tarde veremos que a vida sem trabalho não é possível de conceber-se.

O trabalho desenvolve-se, sobretudo, à custa do organismo de movimento, do sistema muscular, por isso este órgão predomina na economia do corpo humano. A massa dos músculos estriados pesa num homem de peso medio, ou seja de 70 quil., mais de 30 quilogramas ou seja perto de metade.

Durante o repouso contém sempre uma quarta parte do sangue do corpo e toma à sua conta três quartos da actividade do organismo. De modo que o exercício da função de movimento não pode deixar de interessar o organismo inteiro e de atingir os próprios fundamentos da vida. Com efeito a inibição condiz à parálisia e à morte.

Por outro lado o excesso do movimento produz os mesmos resultados. Não admira, por isso, que o trabalho que é a aplicação útil do movimento humano seja essencial a vida. De facto, no seu sentido mais lato, exteriorização da energia, como muito bem disse Traves, é inseparável da substância viva. De resto, desde que a irritabilidade é a propriedade fundamental da propriação e o metabolismo a sua verdadeira essência, não há forma de ignorar que o trabalho é um estímulo essencial da vitalidade, uma condição indispensável à vida.

Mas o trabalho tem como consequência inevitável a fadiga, ou seja a diminuição da capacidade de trabalhar. Com efeito o trabalho efectua-se à custa de uma diminuição das reservas orgânicas e produz um aumento de resíduos, cuja conservação é centro do organismo o prejudicia. A fadiga, porém, é uma forma normal de defesa. Dentro dos limites da capacidade de reparação, é promotora de saúde, de resistência orgânica. Só quando excede esses limites se torna prejudicial e nefasta. Com efeito é acumulável, pode, portanto, ir criando condições crescentes de pobreza orgânica que acabem por acarretar a morte.

Tudo o que fica dito é bastante para mostrar que o trabalho é essencial à vida e obtido à própria custa desta. Um golpe de vista sobre as suas repercussões orgânicas torna ainda mais evidente se é possível a veracidade desta conclusão. Assim a respiração e a circulação são excitadas pelo trabalho. Da mesma forma todas as outras funções, incluindo as cerebrais. Por outro lado, como já se disse, a paralisia atrofia, ao passo que o exercício moderado melhora. Chega a dar-se o caso de o tecido muscular durante o exercício viver à custa de outros, aumentando de peso, enquanto os indivíduos diminuem. Não há dúvida, pois, que como o calor e a electricidade animais, é ao mesmo tempo uma condição e um resultado do funcionamento orgânico.

O trabalho é um estímulo essencial da vitalidade. Tem aspectos químicos, mecânicos, energéticos e psíquicos. Há, pois, uma fisiologia do trabalho, abrangendo a sua bio-química, bio-energética, bio-mecânica e psíquica. Nesta ordem de ideias deve ser executado em condições higiênicas, ou seja sob a rigorosa aplicação do conhecimento fisiológico. A linguagem popular quando chama à profissão um modo de vida é exacta, por que trabalhar é viver.

## Resoluções da Câmara Municipal de Lisboa

## Caixa de Aposentações

Pelo sr. Ferreira Lopes foi apresentada a seguinte proposta que obteve aprovação:

"Considerando que se acha aprovada por esta Câmara, desde 21 de Março, a criação dumha Caixa de Aposentações para os seus funcionários, bem como o respectivo Regulamento;

Considerando que é de toda a urgência dar execução a essa resolução, actualizando, porém, o dito Regulamento; Proponho:

"1.º Que, para o dia 1º de Janeiro, sejam considerados sócios da Caixa todos os funcionários técnicos e burocráticos, quer pertencentes aos quadros, quer contratados, com exceção, porém, daqueles que estão contribuindo para a Caixa das Aposentações do Estado e dos que foram dados por inabilitados pela Junta Municipal.

2.º Que seja obrigatório para o pessoal técnico e burocrático que de futuro for admitido, a sua inscrição como sócio da referida Caixa de Aposentações dos empregados da Câmara Municipal de 11 de Março de 1923, seja substituído por aquele cujo projecto submeteu a aprovação da actual Comissão Administrativa;

3.º Que o regulamento aprovado na sessão da Câmara Municipal de 11 de Março de 1923, seja substituído por aquele cujo projecto submeteu a aprovação da actual Comissão Administrativa;

4.º Que para a direcção da dita Caixa sejam nomeados o vogal da Comissão Administrativa João Baptista Gomes para vice-presidente e o funcionário João da Silveira Gomes para secretário."

As quiosques da Rua 24 de Julho

Pelo sr. Quirino da Fonseca foi apresentada a seguinte proposta que foi unanimemente aprovada:

"Propromo que seja prorrogado até ao dia 15 de Janeiro o prazo para a desocupação dos quiosques instalados na rua 24 de Julho e Praça dos Restauradores, a fim de serem fixados convenientemente os logares para onde podem ser transferidos.

5.º Que seja prorrogado o prazo para a direcção da dita Caixa das Aposentações dos empregados da Câmara Municipal de 11 de Março de 1923, seja substituído por aquele cujo projecto submeteu a aprovação da actual Comissão Administrativa;

6.º Que seja prorrogado o prazo para a direcção da dita Caixa das Aposentações dos empregados da Câmara Municipal de 11 de Março de 1923, seja substituído por aquele cujo projecto submeteu a aprovação da actual Comissão Administrativa;

7.º Que seja prorrogado o prazo para a direcção da dita Caixa das Aposentações dos empregados da Câmara Municipal de 11 de Março de 1923, seja substituído por aquele cujo projecto submeteu a aprovação da actual Comissão Administrativa;

8.º Que seja prorrogado o prazo para a direcção da dita Caixa das Aposentações dos empregados da Câmara Municipal de 11 de Março de 1923, seja substituído por aquele cujo projecto submeteu a aprovação da actual Comissão Administrativa;

9.º Que seja prorrogado o prazo para a direcção da dita Caixa das Aposentações dos empregados da Câmara Municipal de 11 de Março de 1923, seja substituído por aquele cujo projecto submeteu a aprovação da actual Comissão Administrativa;

10.º Que seja prorrogado o prazo para a direcção da dita Caixa das Aposentações dos empregados da Câmara Municipal de 11 de Março de 1923, seja substituído por aquele cujo projecto submeteu a aprovação da actual Comissão Administrativa;

11.º Que seja prorrogado o prazo para a direcção da dita Caixa das Aposentações dos empregados da Câmara Municipal de 11 de Março de 1923, seja substituído por aquele cujo projecto submeteu a aprovação da actual Comissão Administrativa;

12.º Que seja prorrogado o prazo para a direcção da dita Caixa das Aposentações dos empregados da Câmara Municipal de 11 de Março de 1923, seja substituído por aquele cujo projecto submeteu a aprovação da actual Comissão Administrativa;

13.º Que seja prorrogado o prazo para a direcção da dita Caixa das Aposentações dos empregados da Câmara Municipal de 11 de Março de 1923, seja substituído por aquele cujo projecto submeteu a aprovação da actual Comissão Administrativa;

14.º Que seja prorrogado o prazo para a direcção da dita Caixa das Aposentações dos empregados da Câmara Municipal de 11 de Março de 1923, seja substituído por aquele cujo projecto submeteu a aprovação da actual Comissão Administrativa;

15.º Que seja prorrogado o prazo para a direcção da dita Caixa das Aposentações dos empregados da Câmara Municipal de 11 de Março de 1923, seja substituído por aquele cujo projecto submeteu a aprovação da actual Comissão Administrativa;

16.º Que seja prorrogado o prazo para a direcção da dita Caixa das Aposentações dos empregados da Câmara Municipal de 11 de Março de 1923, seja substituído por aquele cujo projecto submeteu a aprovação da actual Comissão Administrativa;

17.º Que seja prorrogado o prazo para a direcção da dita Caixa das Aposentações dos empregados da Câmara Municipal de 11 de Março de 1923, seja substituído por aquele cujo projecto submeteu a aprovação da actual Comissão Administrativa;

18.º Que seja prorrogado o prazo para a direcção da dita Caixa das Aposentações dos empregados da Câmara Municipal de 11 de Março de 1923, seja substituído por aquele cujo projecto submeteu a aprovação da actual Comissão Administrativa;

19.º Que seja prorrogado o prazo para a direcção da dita Caixa das Aposentações dos empregados da Câmara Municipal de 11 de Março de 1923, seja substituído por aquele cujo projecto submeteu a aprovação da actual Comissão Administrativa;

20.º Que seja prorrogado o prazo para a direcção da dita Caixa das Aposentações dos empregados da Câmara Municipal de 11 de Março de 1923, seja substituído por aquele cujo projecto submeteu a aprovação da actual Comissão Administrativa;

21.º Que seja prorrogado o prazo para a direcção da dita Caixa das Aposentações dos empregados da Câmara Municipal de 11 de Março de 1923, seja substituído por aquele cujo projecto submeteu a aprovação da actual Comissão Administrativa;

22.º Que seja prorrogado o prazo para a direcção da dita Caixa das Aposentações dos empregados da Câmara Municipal de 11 de Março de 1923, seja substituído por aquele cujo projecto submeteu a aprovação da actual Comissão Administrativa;

## MARCO POSTAL

Beja.—Armando J. da Silva.—Recebe mos 38\$00 da sua assinatura e de E. J. Ferro dos Santos, tendo as duas assinaturas ficado pagas até 30 de Novembro, p. p. Respeitaremos a sua indicação e era favor enviar-nos a quantia da sua assinatura do corrente mês em nome do correio ou carta registada.

Coimbra.—Tomás da Fonseca.—Por lamentável equívoco a sua carta só pode seguir hoje.

## CAMBIOS

Países	Compra	Venda
Sobre Londres, cheque	94\$75	
Madrid cheque	35\$00	
Paris, cheque...	57\$8	
Suíça	57\$9	
Bruxelas cheque	2574	
New-York	105\$60	
Amsterdão	75\$84	
Itália, cheque ...	58\$9	
Brasil, ...	2535	
Praga, ...	55\$5	
Suecia, cheque	55\$24	
Austria, cheque	2577	
Erlim,	4567	

## TEATROS

São Carlos—A's 21—Fedra.  
Nacional—A's 21—Frei Luís de Sousa.  
São Luís—A's 21—O Príncipe Orloff.  
Ginnásio—A's 21,30—O caso do dia.  
Trindade—A's 21,15—Uma mulher sem importância.  
Politeama—A's 21—O Inimigo.  
Avenida—A's 21,30—O Pé de salsa.  
Apollo—A's 20,30 e 22,30—A Mouraria.  
Eden—A's 20,45 e 22,45—Cabaz de Morangos.  
Variedades—A's 20,30 e 22,30—O Pinto Calçado.  
Maria Vitória—20,30 e 22,30—Sempre fixe.  
Coliseu—A's 21—Companhia de circo.  
Salão Foz—A's 15 e 20,30—Variedades.  
Joaquim de Almeida—A's 21—Variedades.

## CINEMAS

Tivoli—Avenida da Liberdade.—Olimpia—Matinées e soirées.—Salão Central—Praça dos Restauradores.—Chiado Terrasse—Rua António Maria Cardoso—Cinema Condes—Avenida da Liberdade.—Pathé Cinema—Rua Francisco Sanches—Salão Ideal—Rua do Loreto.—Eden—Cinema—Rua do Alívio (Alcântara)—Cine Paris—Rua Ferreira Borges—Alhambra—Parque Mayer (Variedades)—Salão Lisboa—(Mouraria).—Cine-Esperança—(Rua da Esperança).—Domingos, terças, quintas e sábados, às 20,30, animatógrafo.—Salão da Promotora.—A's 20 horas.

Associação de Socorros Mutuos  
RODRIGUES DE FREITAS

Sede—Rua de São Bento, II, 1º

## AVISO

Convoco a reunião da Assembleia geral para o dia 3 de Janeiro pelas 21 horas, a fim de se proceder à eleição dos corpos gerentes para o ano de 1927 e nomear-se o Delegado ao Tribunal de Previdência Social. Não comparecendo número legal de sócios fui desde já marcada para o dia 15 à mesma hora e no mesmo local.

Lisboa, 31 de Dezembro de 1926.

O Presidente da Mesa da Assembleia Geral  
(a) José Filipe da Conceição Sousa

## Um livro interessante

Acaba de ser posto à venda uma bela obra de RICARDO MELLA,

## IDEARIO.

que consta dum volume de 336 páginas dividido nos seguintes capítulos:

Doctrina — Crítica Social — Educação Liberalista — Tática — Evolução y Revolución — Violência — Liberal / Autoridad — Ensayos Filosóficos — Aventuras — Trabajos Polémicos — Temas sociológicos — Pedagogia — Vida Española — Hombres Representativos — Trabajos Polémicos — Lecturas — Fragmento Inedito.

Preço 15\$00 — Pelo correio 16\$50

Pedidos à Redação

A BATALHA.

Caminhos de Ferro do Estado  
DIREÇÃO DO SUL E SUESTE

## Concurso para adjudicação da exploração do bufete da estação de Beja

Faz-se público que no dia 10 de Janeiro de 1927, pelas 13 horas, na sede do Serviço de Movimento, Tráfego e Reclamações, em Barreiro, perante o respectivo engenheiro-chefe do serviço, terá lugar o concurso para a adjudicação da exploração do bufete da estação de Beja.

Para ser admitido a este concurso tem o concorrente que mostrar que efectuou na Tesouraria destes Caminhos de Ferro, o depósito provisório de 250\$00 (duzentos e cincuenta escudos), depósito que será feito até às 13 horas do dia 8.

A base de licitação é de Esc. 5.000\$00 (cinco mil escudos).

O concorrente a quem a adjudicação for feita reforçará no prazo de 5 dias, contados da data em que lhe for comunicada a aprovação, o seu depósito provisório até à percentagem necessária para prefazer 10% (dez por cento) da importância total da adjudicação.

Os cadernos de encargos e condições estão patentes na Secção de Tráfego do Serviço de Movimento, Tráfego e Reclamações, Palácio Coimbra em Barreiro e na Secretaria da Direcção, Rua de São Mamede (ao Caldas) 63 em Lisboa, onde poderão ser examinados em todos os dias úteis das 11 às 16 horas.

Lisboa, 21 de Dezembro de 1926.—O Engenheiro-Director, Inácio Pimentel.

## Concurso para a adjudicação da exploração do serviço do bufete da estação de Casa Branca

Faz-se público que no dia 10 de Janeiro de 1927, pelas 13 horas, na sede do Serviço de Movimento, Tráfego e Reclamações, em Barreiro, perante o respectivo Engenheiro-Chefe do Serviço, terá lugar o concurso para a adjudicação da exploração do serviço do bufete da estação de Casa Branca.

Para ser admitido a este concurso tem o concorrente que mostrar que efectuou na Tesouraria destes Caminhos de Ferro, o depósito provisório de 200\$00 (duzentos escudos), depósito que será feito até às 13 horas da dia 8.

A base de licitação é de 4.000\$00 (quatro mil escudos).

O concorrente a quem a adjudicação for feita, reforçará no prazo de 8 dias, a contar da data em que lhe for comunicada a aprovação, o seu depósito provisório até à percentagem necessária para prefazer 10% (dez por cento) da importância total da adjudicação.

Os cadernos de encargos e condições estão patentes na Secção de Tráfego do Serviço de Movimento, Tráfego e Reclamações, Palácio Coimbra em Barreiro e na Secretaria da Direcção, Rua de São Mamede (ao Caldas) 63, em Lisboa, onde poderão ser examinados em todos os dias úteis das 11 às 16 horas.

Lisboa, 21 de Dezembro de 1926.—O Engenheiro-Director, Inácio Pimentel.

## Biblioteca de Instrução Profissional

## Mecânica

Torneiro e Frezador mecânicos... 15\$00  
Desenho de máquinas... 25\$00  
Material agrícola... 13\$00  
Nomenclatura de cadeiras e máquinas a vapor... 13\$00  
Problemas de máquinas... 16\$00

## Construção Civil

Acabamentos das construções... 16\$00  
Alvenaria e Cantaria... 13\$00  
Edificações... 13\$60

## Encanamentos e salubridade das habitações...

Materiais de construção... 13\$00  
Terraplenagens e alberces... 20\$00  
Trabalhos de Carpintaria... 13\$00

## Diversas indústrias

Condutor de Máquinas... 20\$00  
Fogueiro... 16\$00  
Fornecedor a estudantes... 12\$00  
Fundidor... 13\$00  
Piloto... 16\$00  
Indústria alimentar... 12\$00  
Indústria do vidro... 12\$00

## Elementos gerais

Algebra elementar... 13\$00  
Aritmética prática... 15\$00  
Desenho linear geométrico... 12\$00  
Elementos de electricidade... 30\$00  
Elementos de física... 12\$00  
Elementos de Geometria... 12\$00  
Elementos de Modelação... 16\$00  
Elementos de Projeções... 12\$00  
Elementos de Química... 12\$00  
Geometria plana e no espaço... 13\$00  
Fabricante de tecidos... 13\$00

## A GRANDE BAIXA DE CALÇADO

## SÓ COM O LUCRO DE 10%

## NA SAPATARIA SOCIAL OPERARIA

Sapatos para senhora... 50\$11  
Sapatos em Véu... 38\$88  
Estojo preta (grande saldo)... 48\$83  
Estojo branca (saldo)... 28\$01  
Grande saldo de botas pretas... 48\$53  
Estojo cecor para homem... 48\$53

## No concurso a SOCIAL OPERARIA com

uma casa.

Ver bem pois só lá encontra boas marcas.

A Social Operaria e marcas das Calçarias.

18-20 com Filial na mesmaria, n.º 45.

## LA NOVELA SOCIAL

## LA LOCA VIDA

E' o título do n.º 10 da interessante coleção de novelas que se publicam em língua espanhola sob o título genérico de *Novela Social*, encontrando-se à venda na nossa administração ao preço de \$00. Pelo correio \$70.

Novela Social com

uma elevação de terreno, se descobriu de repente e carregou sobre nós. Prestava-nos auxílio um esquadrão do terceiro regimento de hussares... Nós defendiamos como leões; nisto o meu Alazão agarra pelas crinas do pescoco o cavalo dum prussiano. O meu cavalo não largava o seu prussiano de quatro pés quando uma bala o feriu numa perna e ele caiu como go. Eu fiquei-lhe debaixo, mas consegui salvar-me. Vitor e Oliveiros? disse Castillon consigo mesmo. Singular ideia me sugerem estes dois nomes!... Serão áscaro o nosso aprendiz e a irmã do patrão?... A-pesar-de tão singular disfarce, talvez seja isso... tem-se visto muitas patriotas alistadas no exército para seguirem a guerra mardos ou amantes...

Em quanto Castillon assim meditava, ouviu-se um tiro disparado por uma sentinela, que devia estar a uns cem passos de distância da estalagem. O capitão disse logo a um sargento:

—Leva quatro homens contigo, e vão ver o que há de novo; este tiro deve ter sido disparado pelo nosso camara da Lebrenn.

—Talvez fizesse fogo contra algum espião que quisesse aproximar-se das nossas linhas sem responder a sentinela! disse Duchemin enquanto o sargento saía com os seus homens.

—Leva quatro homens contigo, e vão ver o que há de novo; este tiro deve ter sido disparado pelo nosso camara da Lebrenn.

—Talvez fizesse fogo contra algum espião que quisesse aproximar-se das nossas linhas sem responder a sentinela! disse Duchemin enquanto o sargento saía com os seus homens.

—Leva quatro homens contigo, e vão ver o que há de novo; este tiro deve ter sido disparado pelo nosso camara da Lebrenn.

—Talvez fizesse fogo contra algum espião que quisesse aproximar-se das nossas linhas sem responder a sentinela! disse Duchemin enquanto o sargento saía com os seus homens.

—Leva quatro homens contigo, e vão ver o que há de novo; este tiro deve ter sido disparado pelo nosso camara da Lebrenn.

—Talvez fizesse fogo contra algum espião que quisesse aproximar-se das nossas linhas sem responder a sentinela! disse Duchemin enquanto o sargento saía com os seus homens.

—Leva quatro homens contigo, e vão ver o que há de novo; este tiro deve ter sido disparado pelo nosso camara da Lebrenn.

—Talvez fizesse fogo contra algum espião que quisesse aproximar-se das nossas linhas sem responder a sentinela! disse Duchemin enquanto o sargento saía com os seus homens.

—Leva quatro homens contigo, e vão ver o que há de novo; este tiro deve ter sido disparado pelo nosso camara da Lebrenn.

—Talvez fizesse fogo contra algum espião que quisesse aproximar-se das nossas linhas sem responder a sentinela! disse Duchemin enquanto o sargento saía com os seus homens.

—Leva quatro homens contigo, e vão ver o que há de novo; este tiro deve ter sido disparado pelo nosso camara da Lebrenn.

—Talvez fizesse fogo contra algum espião que quisesse aproximar-se das nossas linhas sem responder a sentinela! disse Duchemin enquanto o sargento saía com os seus homens.

—Leva quatro homens contigo, e vão ver o que há de novo; este tiro deve ter sido disparado pelo nosso camara da Lebrenn.

—Talvez fizesse fogo contra algum espião que quisesse aproximar-se das nossas linhas sem responder a sentinela! disse Duchemin enquanto o sargento saía com os seus homens.

—Leva quatro homens contigo, e vão ver o que há de novo; este tiro deve ter sido disparado pelo nosso camara da Lebrenn.

—Talvez fizesse fogo contra algum espião que quisesse aproximar-se das nossas linhas sem responder a sentinela! disse Duchemin enquanto o sargento saía com os seus homens.

—Leva quatro homens contigo, e vão ver o que há de novo; este tiro deve ter sido disparado pelo nosso camara da Lebrenn.

—Talvez fizesse fogo contra algum espião que quisesse aproximar-se das nossas linhas sem responder a sentinela! disse Duchemin enquanto o sargento saía com os seus homens.

—Leva quatro homens contigo, e vão ver o que há de novo; este tiro deve ter sido disparado pelo nosso camara da Lebrenn.

—Talvez fizesse fogo contra algum espião que quisesse aproximar-se das nossas linhas sem responder a sentinela! disse Duchemin enquanto o sargento saía com os seus homens.

—Leva quatro homens contigo, e vão ver o que há de novo; este tiro deve ter sido disparado pelo nosso camara da Lebrenn.

—Talvez fizesse fogo contra algum espião que quisesse aproximar-se das nossas linhas sem responder a sentinela! disse Duchemin enquanto o sargento saía com os seus homens.

—Leva quatro homens contigo, e vão ver o que há de novo; este tiro deve ter sido disparado pelo nosso camara da Lebrenn.

—Talvez fizesse fogo contra algum espião que quisesse aproximar-se das nossas linhas sem responder a sentinela! disse Duchemin enquanto o sargento saía com os seus homens.

—Leva quatro homens contigo, e vão ver o que há de novo; este tiro deve ter sido disparado pelo nosso camara da Lebrenn.

—Talvez fizesse fogo contra algum espião que quisesse aproximar-se das nossas linhas sem responder a sentinela! disse Duchemin enquanto o sargento saía com os seus homens.

—Leva quatro homens contigo, e vão ver o que há de novo; este tiro deve ter sido disparado pelo nosso camara da Lebrenn.

—

# A BATALHA

NENO VASCO

## O SINDICATO, GRUPO LIVRE

Para funcionar normalmente, tem o sindicato profissional, órgão da resistência operária, que está livre e desbaratado de quaisquer outras funções nitidamente separado de qualquer outro órgão de função económica diversa. Concretizando: tem que rejeitar do seu seio as várias formas de mutualismo e de cooperativismo, tantas vezes embrulhadas com a resistência nas velhas associações operárias, alias ainda numerosas.

Essa confusão de órgãos ou de funções recuada necessariamente em prejuízo da resistência, porque é esta a que mais contraria a lei do menor esforço, a que mais energias e iniciativa exige dos sindicatos e dos militantes, a que mais responsabilidades põe em jogo, a que mais tira dos seus códigos o funcionalismo — precisamente desenvolvido pela introdução, no sindicato, daquelas funções estranhas à resistência.

Ora, mesmo para as vantagens imediatas, a mutualidade e a cooperativa valem bem menos do que a resistência, a ação directa sindical.

Em quanto o operariado se limita ao mutualismo, tirando os seus magros recursos precários económicos para as ocasiões de doença, desgraça, invalidez ou desocupação, ainda que lhe junte o cooperativismo, na esperança de aumentar o seu poder de compra e cortar nos ganhos do parasitismo intermediário, as melhorias de situação, que sob o jugo capitalista são sempre transitórias e insecuras para él, tornam-se então inteiramente ilusórias. Deixando o capitalismo o completo arbitrio na fixação do salário, dos preços e das rendas, na regulação das horas de trabalho, e na organização do trabalho, o trabalhador deixa-lhe o livre manejo das armas principais. Deixa-lhe mesmo a liberdade de reduzir os recursos dos trabalhadores, à medida que estes, pela associação cooperativa e de socorros mútuos, vão aprendendo a fazer face às necessidades da vida com o minguado fruto do seu explorador trabalho. Assim, sem a resistência activa ao patronato, o mutualismo e a cooperativa até servem e facilitam a exploração capitalista, fazendo-se fatores de resignação e passividade.

Sem a ação de resistência, nada feito, portanto. A associação operária de resistência, o sindicato, é indispensável, e antes ela sem as outras do que as outras sem ela.

Muito mais do que a organização corporativa, a cooperativismo e a mutualismo tende naturalmente para a adaptação do salário ao regime burguês, favorecendo mesmo a submissão às condições impostas pelo patronato.

Muito mais do que a organização corporativa, o cooperativismo e a mutualismo promovem a criação duma burocracia permanente parasitária — capaz quando muito de ser aproveitada, como «obra feita», como organismo de Estado, por algum «governo revolucionário», desconfiado da liberdade e iniciativa populares, receoso do trabalho directo dos interessados e com pressa de pôr termo às audácia inovadoras da revolução...

Sem aliás força, nem iniciativa, nem liberdade de movimentos para competir vantajosamente com o capital burguês, o cooperativismo acaba de desenvolver o espírito comercial e corromper as melhores intenções.

O sindicato, pelo contrário, e esta é a vantagem suprema, educa o proletariado na luta e na solidariedade contra o capitalismo — essa luta é suscetível de desenvolvimento constante, tornando visível o antagonismo entre as classes sociais e palpável a necessidade duma completa emancipação.

Entretanto, quando não tenham outra utilidade, o mutualismo e o cooperativismo têm pelo menos a de desenvolver entre o operariado o espírito associativo e a capacidade administrativa, no caso de bem entendido, serem exercidos directamente pelos próprios operários, e não por burocratas, patronos, filantropos, beneméritos e outros protectores. E isso embora se tenha como discutível a vantagem atribuída ao cooperativismo de manter e consolidar as conquistas do sindicalismo e de preparar produtivos para a organização da distribuição dos produtos numa sociedade comunista.

Mas se, sem a resistência, o mutualismo e cooperativismo são apenas impotentes, já passam a ser danosos e malefícios quando embrulhados e confundidos com a resistência, no sindicato. Em vez de confiar na ação, na propaganda e na experiência, da luta operária, muitos militantes de vidas curtas querem precipitar o recrutamento de trabalhadores para a associação por meio de engôos dos socorros mútuos e da cooperativa; e este engôo em breve vem a paralisar ou a matar a ação de resistência, absorvendo toda a actividade associativa e fomentando o espírito conservador.

Os operários entram para a associação mista (ou «de bases múltiplas») sem disposição para a luta e apenas com a mira no subsídio ou nas vantagens cooperativas. Lá dentro, opõem-se a qualquer ação um pouco-chinco energético, capaz de comprometer aqueles benefícios. E do seu lado os administradores, — especialmente quando são mais ou menos permanentes, quando formam capelina ou grupos que se afastaram à laia de alcatruzes de hora, — juntam à costume preoccupation burocrática de perder o lugar e o prestígio, e, ao receio, mais nobre de conduzir os administrados à derrota, o pavor terrível dos que têm finanças e largos fundos a gerir: o medo de afugentar os sócios coligentes, de provocar o encerramento da associação e o confisco dos seus de levar a empresa à falência.

O sindicalismo necessita, pois, de ser livre e independente, não só dos partidos políticos, mas ainda das outras organizações económicas de carácter e fins diversos, e a resistência deve ser a única função sindical. A própria união federativa com essas organizações, com o direito, para elas, de intervir na ação sindical, sobretudo nos movimentos e decisões de ordem geral, é um perigo para o livre desenvolvimento e manifestação dessa ação, como o reconheceu, há anos, um congresso operário italiano, aliás sob a influência dos socialistas moderados (moção Cabrini). O exemplo da Bélgica era, desde longa data, bem instrutivo.

Mas há outro exemplo de singular força

neste momento: o da Alemanha. Assim como a social-democracia, com os seus milhões de eleitores, não passava dum amálgama de partidos, abrangendo dirigentes e dirigidos que noutros países se acham divididos por partidos diversos, com ou sem socialismo — vários matizes de socialismo parlamentarista e vários matizes de democracia, desde o republicanismo ao simples liberalismo radical — assim também a organização operária unificada, com milhões de cotizantes, agrupa tendências e propósitos que em outros países se espalhavam por organizações diferentes. A lei confiava aos sindicatos a administração dos seguros contra a doença, cujas cotas são obrigatórias. De modo que a «poderosa» organização tinha um limitadíssimo esprito combativo.

E os que, antes de 1914, mais nos matavam o bicho do ouvido com o número, a riqueza, a organização, o método sábio da social-democracia e da organização operária alemã fingiam durante a guerra verbete com indignação a impotência e a disciplina passiva desses colossos fictícios! Tártufos!

### II

Qualquer coacção exercida sobre o operário não associado produziria o mesmo efeito que os falsos engodos mutualistas.

Nós queremos, naturalmente, que o sindicato agrupe o maior número possível de trabalhadores da respectiva profissão ou indústria, e se puder ser a totalidade, tanto melhor.

Por isso, queremos o Sindicato largamente, aberto a todos êsses trabalhadores, sejam quais forem as suas possibilidades e condições. Combatemos aquelas fortalezas trade-unionistas que, depois de vedar a entrada com as joias e cotas inacessíveis aos mais pobres, fazem guerra, na oficina, aos não-iniciados na sua maçonaria de novos privilégios. Reclamamos sindicatos de franco acesso, sem impedimentos nem taxas proibitivas, Sindicatos que não regeitem nem expulsem ninguém por ideias, e tenham para todas as opiniões a maior tolerância.

Mas, assim como queremos que a associação de resistência não feche a porta a ninguém que tenha o direito de ingresso pela sua situação profissional, assim também desejamos que ninguém seja coagido a entrar ou a ficar.

A coacção, em geral sob a forma de boicotagem contra os não-associados, quer para excluir da união de ofício e depois... privar de trabalho os excluídos, quer para arregimentar os refractários à organização, favorece os ódios e atritos entre o proletariado e leva-o muitas vezes à divisão num único terreno em que él pode e deve estar unido. Quando não provoca a constituição de organizações rivais, reformistas e revolucionárias, faz muito pior: proporciona facetas recrutas aos governos e ao patronato, para as suas polícias públicas e particulares, para as suas agremiações de amarelhos e fura-grevistas, para os seus rebanhos cristãos e católicos, sob a chefia dos clérigos.

E todos êsses riscos para quê? Para encorporar no Sindicato alguns números sem vontade, para obter algumas adesões formais ou mesmos hostis, pouco dispostas a accão, e à solidariedade — que não se torna efectiva senão quando é consciente e voluntária.

Demais, para que os sindicatos possam impor, pela boicotagem na oficina ou pela coacção directa, a encorpuração dos refractários, é preciso que constituam a maioria e tenham a força bastante para isso. E nesse caso, mais escusado e contraproducente se torna o acto!

O não associado, aliás, não é precisamente, necessariamente, um amarelo, um fura-grevista. No momento da luta, entram em accão a maior parte dos desorganizados, arrastados amuleto pela iniciativa dum minoria activa e consciente, e é então, ou depois de obtidos os frutos do esforço colectivo, que elas acomem espontaneamente ao sindicato.

Os metalúrgicos visões resolvem:

Aderir imediatamente à Federação Metalúrgica em Portugal, bem como à Confederação Geral do Trabalho, por intermédio do seu Comité no Norte;

Fazer sentir à Federação Metalúrgica o desejo que os anima de ver integrada na C. G. T. seguindo o caminho traçado pelos seus congressos corporativos nacionais;

Iniciar a propaganda e ação atinentes a constituir, junto com os sindicatos de Viseu, a Câmara Sindical do Trabalho. — C.

## O SINDICALISMO EM MARCHA

### Os metalúrgicos de Viseu organizam-se

VISEU, 27.—Com a presença de Saul de Sousa, delegado do Comité Federal Metalúrgico do Norte, realizou-se uma importante sessão de propaganda sindicalista no Sindicato Único Metalúrgico desta cidade.

A sessão, que teve inicio às 19 horas,

numa das salas do Grémio Alberto Sampaio—gentilmente cedida pela direcção—foi iniciada pelo camarada Gilberto de Carvalho.

Iniciou o seu interessante discurso, saudando os metalúrgicos do país na pessoa do delegado do Comité Metalúrgico de Viseu.

Descreveu a situação misérrima que atraíram os trabalhadores desta cidade, entre os quais os metalúrgicos, e exaltou a necessidade de todos se organizarem, não de nome mas sim de facto.

Concedida a palavra ao delegado do Comité Metalúrgico, este retribuiu as saudações aos metalúrgicos visões.

Entrando no assunto que provocou esta sessão, principia por demonstrar com vasta argumentação o valor da «Solidariedade» sem a qual os metalúrgicos, como todos os trabalhadores, nada serão individual ou colectivamente.

Detalhadamente descreve o que é o Sindicato, o seu valor tendo a presidi-lo uma vez que é a Federação, a Câmara Sindical, a Confederação Geral do Trabalho e por último a Associação Internacional dos Trabalhadores.

Por último encareceu a necessidade dos metalúrgicos de Viseu darem ingresso imediato na respectiva Federação, habilitando-a a bem desempenhar-se da missão que lhe está indicado cumprir.

Segue-se Francisco Moreira, da Construção Civil, que na mesma ordem de idéias aconselha os metalúrgicos visões tal qual a Construção Civil a aderirem à sua Federação de Indústria.

Carlos Ferreira, do Comité de Propaganda e Accção Sindical, explica à assembleia quais as intenções do Comité que representa, exalta o valor do sindicalismo revolucionário e apela para que os presentes facilitem a accão do Comité.

Assembleia que não foi amordaçada e de cambais, de que se fazia larga distribuição para comprar apoio. A formiga branca conseguiu encher os seus celeiros e por toda a parte aparecia denunciando e calamizando as reputações melhor firmadas no conceito do público. Ninguém falava, ninguém se queixava, tal era o receio dos mastins da situação.

Toda a gente desconfiava daqueles que se aproximavam, porque, no meio de tanta falência moral, nem já se distinguiam os homens de bem da falange dos vendidos.

E como se conseguiu isto?

Como se conseguiu dispor de tanto dinheiro, sem que as verbas orçamentadas o fôssem buscar?

Os explorados não necessitam de política, leis, religião nem governo.  
Os que defendem a política são os que esperam viver à custa do Estado.

## EM LOURENÇO MARQUES

### A falsa honestidade dos homens que perseguiram os ferroviários

Lourenço Marques, Novembro.—O jornal O Direito apreciou assim a situação em Moçambique:

Havemos ainda de sentir por muito tempo os efeitos da administração do sr. Azevedo Coutinho, quer pela parte moral, que os arrastou pelas ruas da amargura, quer pela parte material.

O que se praticou nesta colónia durante os 19 meses de governo, é quase inconcebível. Nunca teria sido possível prever que se chegasse onde se chegou.

A situação azevedista tudo fez.

Pôs-se em almeada a consciência e, se houve compradores, não faltou também quem se vendesse.

Todos os meios serviram; todos os recursos de que puderam dispôr foram usados.

Quando havia relutância em ceder em troca de dinheiro, aparecia a violência como auxiliar e, ou que eram renitentes se curvavam, ou tinham de expatriar-se para não serem perseguidos como feras, acusados de faltas ou de crimes que nunca praticaram.

E não foram poucos os que viram a liberdade ameaçada e que tiveram de procurar no exílio a segurança que as leis lhes garantiam, mas que os seus executores lhes negavam.

Tempo de violência e de terror, absolutamente desconhecido na colónia, mesmo no tempo em que as hostes do Gunnungan ameaçavam rastear esta cidade.

A imprensa que não foi amordaçada estava ao lado da situação, cheia de benesses e de cambais, de que se fazia larga distribuição para comprar apoio. A formiga branca conseguiu encher os seus celeiros e por toda a parte aparecia denunciando e calamizando as reputações melhor firmadas no conceito do público. Ninguém falava, ninguém se queixava, tal era o receio dos mastins da situação.

Toda a gente desconfiava daqueles que se aproximavam, porque, no meio de tanta falência moral, nem já se distinguiam os homens de bem da falange dos vendidos.

E como se conseguiu isto?

Como se conseguiu dispor de tanto dinheiro, sem que as verbas orçamentadas o fôssem buscar?

## FESTAS ASSOCIATIVAS

### Construção Civil de Tires

Passa amanhã o 13.º aniversário da fundação do Sindicato da Construção Civil de Tires.

Passa também o 2.º aniversário da fundação da Caixa de Auxílio na Doença aos seus associados, a qual, a pesar de recente constituição, já grandes serviços tem prestado aos seus sócios que, prostrados pela doença e impossibilitados de trabalhar, se vêm em luta átrios com a falta de recursos para se alimentar e os seus.

Não devendo esta gloriosa data, passar despercebida e para que sirva de incentivo a todos os camaradas, resolveram as comissões administrativas destes organismos distribuir um manifesto ao povo trabalhador de Tires e arredores para assistir à sessão solene que se realiza amanhã, às 16 horas, na sede do Grupo Musical e Dramático Solidariedade Operária de Tires, na qual deverá fazer uso da palavra, além dos representantes dos sindicatos do concelho de Cascais, delegados da Confederação Geral do Trabalho e da Federação da Construção Civil. A sessão será abrilhantada pelo Grupo Musical, que gentilmente aceiou o convite dos organismos promotores.

Os metalúrgicos visões resolvem:

Aderir imediatamente à Federação Metalúrgica em Portugal, bem como à Confederação Geral do Trabalho, por intermédio do seu Comité no Norte;

Fazer sentir à Federação Metalúrgica o desejo que os anima de ver integrada na C. G. T. seguindo o caminho traçado pelos seus congressos corporativos nacionais;

Iniciar a propaganda e ação atinentes a constituir, junto com os sindicatos de Viseu, a Câmara Sindical do Trabalho. — C.

## S. U. da Construção Civil do Pôrto

A fim de comemorar o 7.º aniversário da fundação deste organismo realizar-se há no próximo dia 7 de Janeiro, pelas 20 horas, na sede do Centro Comunitário Libertário, à rua de Entreparedes, 33, 1.º, uma imponente sessão solene.

Estão sendo enviadas circulares-comites aos sindicatos operários do Pôrto e arredores, bem como a vários organismos libertários. Foram também convidados a C. G. T., Federação Nacional da Construção Civil, Federação das Juventudes Sindicais e C. S. T. do Pôrto.

Para que tenha maior brilho esta festa, um grupo de amadores dramáticos recitará várias poesias e monólogos sociais, e um excelente grupo musical executará vários trechos do seu repertório.

No próximo dia 6 será profusamente distribuído pelas obras e oficinas um incisivo manifesto convidando os trabalhadores a comparecerem na referida sessão.

Reúne-se a comissão administrativa deste sindicato no dia 6 de Janeiro, às 21 horas precisas.

## FIGUEIRA DA FOZ

A Batalha vende-se nesta localidade na barbearia de Firmino Ferreira Pinto da Fonseca, na rua da República, 132.

## Solidariedade

### Pró Joaquim Meira

No cinema de Benfica realiza-se amanhã uma grandiosa festa, que principia às 20 horas, em homenagem a Joaquim Meira, com o seguinte programa: 1.ª parte—Palesias sobre «Solidariedade»; acto de variedades, pelos amadores José Faílho Pombal, José Marques, António Santos e António Machado; Canção Nacional, pelos cultivaadores Carlos Pintocer e Joaquim Costa, e os acompanhamentos feitos pelo guitarrista Carlos Freire e seu viola Luís Augusto, 2.ª parte—Continuação do acto de variedades, pelos distintos amadores João Soledade, Francisco Moura, António Machado, José Pombal, António Santos e José Marques; Continuação da Can